Ano XVIII — Lisboa, Janeiro de 1962 — N.º 201

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro
Galardoado com o «Lis de Prata» da As. dos Escoteiros de Portugal

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Fidelidade aos princípios

— Solução para a crise do Mundo

Por ocasião da 17.ª Conferência Internacional de Escotismo, realizada em Nova Delhi em 1959, Nehru, Primeiro-Ministro indiano, falando aos delegados presentes, fez o elogio dos princípios escoteiros de paz e boa compreensão entre os homens de todas as raças e religiões e afirmou que a *paz e compreensão na humanidade são, ou devem ser, os imperativos básicos dos seres humanos, e não a guerra ou o conflito.* Estas significativas palavras situavam-se na linha do pensamento de Nehru, que se dizia discípulo de Gandhi, o Mahatma (grande alma), apóstolo do pacifismo e da não-violência, que sempre severamente condenou o recurso à força nas relações e dissíduos internacionais.

Passaram dois anos apenas, a Conferência Internacional de Escotismo volta a reunir, desta vez em Portugal, com a presença de muitos daqueles que escutaram a exortação de Nehru, e, para cúmulo da ironia, é exactamente contra este país que ele faz avançar os exércitos da União Indiana, negando e atraiçoando todos os princípios que até então ousara afirmar, depois de uma série de descaradas mentiras oficialmente proclamadas pelos órgãos do seu governo.

É muito triste, decepcionante mesmo, verificar a falta de decoro de certos políticos e estadistas, que não hesitam no uso da mentira e da falsidade sempre que isso possa servir inconfessados desígnios dificilmente justificáveis com aquela clareza de espírito natural e consequente de atitudes dignas. Desde que Hitler cìnicamente classificou como simples farrapos os tratados onde solenemente apusera a garantia de sua assinatura, muitos homens de estado enveredaram pelo caminho da deslealdade e da perfídia, sem se sentirem, por esse facto, diminuídos na sua honra. Deriva desta lamentável situação o clima de desconfiança em que o mundo vive, nunca se sabendo que estranhos propósitos escondem sorrisos e discursos de tantos governantes. Até na própria luta se nota hoje esta quebra de dignidade. Nunca deflagrava um conflito sem prévia declaração de guerra. Hoje o ataque é traiçoeiro, inesperado, brutal.



OS ARQUITECTOS
Construindo para o futuro

Embora este jornal esteja arredado de tudo o que à política diz respeito, não podemos ocultar a

Pág. 2 ——→

17.º Aniversário

«Sempre Pronto» comemora o 17.º aniversário da sua fundação. Completaram-se dezassete anos de publicação e devemos afirmar, para agradecer aos nossos dedicados amigos e leitores, que este último ano foi aquele que financeiramente tivêmos menores dificuldades. O apoio, a simpatia e constante cooperação de tantos amigos compensam-nos das canseiras, das lutas, do esforço que constantemente temos de empregar para manter acesa esta chama do ideal escoteiro, a bem da juventude de Portugal. A todos que nos animam com a sua colaboração e amizade, endereçamos o nosso sentido «muito obrigado».

O Novo Ano

Um ano acaba de atingir o seu termo e o acontecimento, como é óbvio, dá azo a que se teçam algumas considerações sobre o desenrolar inexorável do tempo, esse factor preponderante do dom inefável da vida.

1961 não foi um ano feliz. Por toda a parte tivemos possibilidade de encontrar, com dolorosa frequência, motivos de tristeza, de desapontamento, de dor.

No campo internacional, a análise da situação não nos permite esperar, para já, uma evolução das relações humanas para um nível aceitável de entendimento, de respeito e de honestidade, condições indispensáveis para prevenir a subversão dos valores constitutivos do património moral, orgulho legítimo da humanidade.

No sector interno, por outro lá-

Pág. 2 ——→

O NOVO ANO

← Pág. 1

do, observámos com mágoa as páginas da vida nacional escritas a sangue, tendo como protagonistas o ódio, o crime, o desamor e outros baixos instintos, que para sempre hão-de assinalar esses trágicos momentos como dos mais cruciantes da nossa história.

Assim deixámos esse triste ano de 1961, para entrar, envolvidos num clima de intranquilidade, de desassossego, de insegurança talvez, no pouco auspicioso 1962.

É de desejar que, nesta dúzia de meses e através de todas as constingências prevaleça o bom-senso. Ao contrário do irracional, que apenas conta com a força dos seus instintos, o homem caracteriza-se pela lógica que imprime aos seus actos, buscando em todas as emergências a solução mais adequada e racional. No seu procedimento, tem sempre em consideração que o que importa salvaguardar é a essência dos princípios que enformam os objectivos espirituais que lhe são inerentes. As convicções que caracterizam este comportamento, levam-no a preservar, da corrupção e das frívolas vaidades do dia a dia, tudo quanto é perdurável e seja susceptível de escapar à efemeridade terrena.

É sob a inspiração destes sentimentos que nos devemos guiar através dos obstáculos com que pretendam tolher o nosso passo.

A civilização dos nossos tempos, de feição eminentemente técnica, não guarda em si recursos suficientes para promover a realização dos ideais desta espécie, de forma que, dia após dia, será mais árdua a obediência a estes ditames. Cada vez será mais notória a inadaptação das condições da vida corrente aos princípios identificadores dos objectivos que desejamos servir.

Nós, escoteiros, que militamos num movimento que visa exactamente o aperfeiçoamento do carácter, temos, mais que quaisquer outros, de lutar pelo robustecimento das virtudes que valorizam a sociedade humana. Ainda que, por momentos, sejamos envoltos de turbação, não desesperemos das nossas convicções porque não podemos crer que os mais abomináveis instintos sobrevivam ao que é nobre e ao que é belo e a tudo quanto é a razão da nossa existência.

É esta a fé que «Sempre Pronto» deseja ver radicada no coração dos seus leitores, dos escoteiros, de todos os que escolheram para as suas vidas uma inspiração superior.

Fazemos votos de que este 1962 seja de facto um ano que reafirme a confiança de todos nós nos princípios eternos do amor e da compreensão entre todos os homens.

J. R.

Fidelidade aos princípios

— Solução para a crise do mundo

← Pág. 1

nossa inquietude. Se estadistas e políticos são as figuras de maior relevo em cada país, para além de atropelos e injustiças, que terrível e desencorajante exemplo proporcionam à juventude negando com seus gestos aqueles mesmos princípios morais e espirituais que sempre afirmaram professar? Terá de ser forçosamente baixo o padrão moral de tais nações.

Diz o grande pensador Juan A. Mackay que «os elementos mais perigosos da sociedade são os hipócritas». Assim, só poderão ser escabrosos os caminhos de um mundo dirigido por homens a quem tantas vezes é possível aplicar tão degradante epíteto.

Leva-nos a crer que o desajustamento verificado na gente nova, a própria delinquência juvenil, as desconcertantes reacções da mocidade, serão trágicas consequências da incoerência dos adultos. Não podemos esperar atitude diferente de uma mocidade, que, educada desde a mais tenra idade em princípios de honestidade e honra, se vê confrontada, ao atingir a idade da razão, com um mundo onde campeia a mentira, a falsidade e a corrupção. Que explicações dará Nehru à mocidade do seu país educada nos saudáveis princípios pacifistas de Gandhi?

Importa considerar estes factos porque o carácter da juventude é essencial ao futuro da humanidade. Diz B.-P.: *O carácter é de uma importância fundamental para uma nação e para um indivíduo* — e acrescenta — *o carácter é geralmente o resultado do meio.* A nossa apreensão vem exactamente da circunstância de não enxergarmos ambiente favorável à formação de verdadeiros caracteres.

Mais uma vez o Escotismo tem resposta certa para a actual crise. — Ele proclama a mais indefectível fidelidade aos princípios. «Prometo por minha honra — diz o Escoteiro — ser fiel a Deus e à Pátria, auxiliar o próximo em todas as circunstâncias». «Pode-se confiar na honra do Escoteiro» — dizem certas versões da Lei. Talvez por isso muitos julguem o Escotismo *démodé*, mas ele afirma princípios eternos do Homem, cuja negligência tem conduzido os povos à confusão dos nossos dias.

É verdadeiramente meritória a acção do Escotismo procurando conduzir os novos por mais altos rumos. Para que possamos ter amanhã homens dignos, governantes honestos, dirigentes responsáveis, precisamos de formar jovens de personalidade bem vincada pelo sentimento da Honra e do Dever. Serão estes e só estes quem poderá rasgar à humanidade um futuro de esperança e de paz.

Para que a acção do Escotismo seja eficiente é, porém, indispensável uma condição: Que o Dirigente, o Chefe Escoteiro, seja ele mesmo fiel aos princípios. O hipócrita não pode ser Escoteiro, não é Escoteiro.

DE SINTRA

Grupo n.º 93

Este grupo realizou no Palácio Municipal Valmor, onde tem a sua sede, uma festa de Natal, a qual serviu de oportunidade para reunir os escoteiros e dirigentes da unidade.

Esteve presente depois de prolongada doença o Sr. Tenente Manuel de Matos, presidente da sua direcção, a quem o respectivo Chefe entregou-se em acto solene a Medalha de Dedicação e Bons Serviços com que fora agraciado pela Direcção Central. Ao acto assistiram os Srs. Eduardo Quintino, da direcção de Fraternal dos Antigos Escoteiros, e os antigos dirigentes João Henrique Pereira Soares e António Augusto da Silva e Cunha.

O Grupo efectuou depois a sua Boa Acção de Natal, tendo distribuído por diversas pessoas pobres da localidade alguns donativos.

O antigo escoteiro - chefe Ernesto de Sousa regressou a Portugal

No dia 23 de Dezembro p. p., regressou ao nosso País, depois de uma ausência de mais de 40 anos nos Estados Unidos da América, o nosso estimado amigo Sr. Ernesto de Sousa, que foi um dos mais activos escoteiros-chefes dos primeiros tempos de existência do célebre Grupo n.º 1, que ocupou um lugar tão proeminente na história do nosso Movimento.

No Aeroporto de Lisboa, compareceram, para lhe apresentar as boas-vindas, além de diversos membros da sua Família, muitos antigos-escoteiros e pessoas amigas, entre os quais se viam os srs. rev. Eduardo Moreira, dr. Leopoldo de Figueiredo, José Ilídio Freire, Albano da Silva, Humberto Martins, João Clímaco do Nascimento, Cosme Vieira Leitão, Júlio dos Santos Trindade, Alfredo Jorge Gallis e outros, a quem o recém-chegado cumprimentou efusivamente, relembrando os momentos inesquecíveis dos primeiros tempos de escotismo.

O «Sempre Pronto», cujo Corpo Directivo esteve também presente na recepção, apresenta ao sr. Ernesto de Sousa as boas-vindas e os desejos de muitas felicidades no novo capítulo da sua vida.

FILATELIA

Série Escotista Portuguesa

Os escoteiros portugueses, mormente os que se entretêm com a filatelia, estão de parabéns por se confirmar a emissão, em Abril ou Maio deste ano, da primeira série portuguesa de selos dedicados ao Escotismo.

Entre todos os interessados é agora enorme a expectativa, que só findará aquando do aparecimento dos selos. E as perguntas sucedem-se, evidenciando uma curiosidade que dia a dia se avoluma:

Quais serão os motivos escolhidos? E as cores, serão bonitas? De quem serão os desenhos? A «nossa» série alcançará a «categoria» necessária para figurar ao lado das melhores até agora saídas sobre Escotismo, ou o seu valor intrínseco mantê-la-á na penumbra da mediocridade relativamente às outras?

Nas conjecturas que se tecem, o aspecto económico também não é menosprezado. Sabendo-se que a série se compõe de 6 selos e sendo conhecidos os valores de 3, respectivamente $20, $50 e 1$00, perguntam-se os de menos posses se os 3 selos restantes terão custo acessível ou atingirão montante de tal modo elevado que os iniba da sua compra.

Há, enfim, um nunca acabar de de suposições, de «castelos no ar» relacionados com a euforia causada pela notícia, de cuja razão de ser só poderá aquilatar-se em Abril ou Maio, aquando do acontecimento a todos os títulos importante que para os escoteiros de Portugal representa a primeira emissão de uma série de selos ao nosso Movimento especialmente dedicada.

J. M. P.

1.ª Exposição Nacional do Selo Escoteiro

A Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros aprovou o desenho do nosso companheiro Humberto Martins, para a vinheta a publicar na altura da exposição.

Já foi elaborado o regulamento da Exposição, que será distribuído até fins de Janeiro.

Todos os concorrentes deverão apresentar os seus trabalhos até ao dia 28 de Fevereiro.

PRÉMIOS PARA A EXPOSIÇÃO

O nosso companheiro Ferrer Segismundo Monteiro ofereceu uma taça, para um dos prémios.

É de destacar dois amigos dos Escoteiros, Guilherme Casimiro Ribeiro e António Lima, que em diferentes ocasiões têm colaborado nas nossas actividades.

Desta vez, não podemos deixar de nestas simples linhas do nosso jornal, lhes dizer: Obrigado Amigos! Não esqueceremos a a vossa Boa Acção.

PATO COXO

— CANTINHO DOS MAIS NOVOS —

Vamos conversar um pouco sobre Caio Viana Martins

Caio Viana Martins foi, pode dizer-se, um herói Escoteiro. Pertencia aos Escoteiros Mineiros e era um Escoteiro Júnior.

Este rapaz tinha 15 anos quando morreu; morreu ainda jovem.

Ele deu a sua vida para salvar a do próximo. Morreu, mas antes de morrer teve umas palavras gloriosas que todos os Escoteiros mundiais deviam decorar. Foi quando dois soldados o quiseram socorrer, querendo levá-lo numa maca para a cidade mais próxima do sítio onde se deu o choque de dois comboios. Foi nesse desastre que Caio Martins ficou gravemente ferido. Antes de partir a pé para a cidade, disse aos dois soldados:

— *Um Escoteiro caminha pelas suas próprias pernas* — mandou os socorros para as outras vítimas.

Ao chegar à cidade, caiu morto junto ao hotel.

Escoteiros: Fixem bem o nome do Escoteiro que soube honrar o nome do Escotismo e o glorioso nome do Brasil.

Escoteiros: Sigam o exemplo de Caio Viana Martins.

LUÍS FILIPE GOMES
Escoteiro e Guia da Pat. Lobo do Grupo 94
12 anos de idade

Nesta Secção publicaremos trabalhos literários que nos forem mandados por jovens, escoteiros ou não, desde que nos seja indicada a sua idade. Os trabalhos enviados não devem exceder uma coluna de «S. P.».

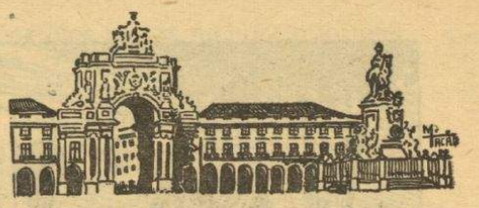
Os Escoteiros deverão indicar-nos o Grupo e a Patrulha a que pertencem. Os não Escoteiros devem ser-nos apresentados por um Escoteiro-Chefe ou por um assinante do jornal.

O 17.º aniversário «SEMPRE PRONTO»

O Sr. Dr. Ramiro Valadão, Director dos Serviços de Informação do S. N. I., teve a gentileza de nos enviar cumprimentos de felicitações pela passagem do nosso aniversário, em nome do Sr. Secretário Nacional da Informação, em seu nome próprio e dos funcionários daquela Direcção.

Também o Sr. Dr. António Vítor Guerra, digno Director da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, teve a gentileza de nos enviar as suas felicitações.

Agradecemos.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

As Comemorações do "Primeiro de Dezembro"

Mais uma vez os escoteiros portugueses assinalaram, com cerimónias simples mas significativas, o Dia da Restauração de Portugal.

Perto do obelisco dos Restauradores, logo pela manhã, concentraram-se vários elementos da Fraternal dos Antigos Escoteiros e aí aguardaram a chegada da deputação dos Escoteiros de Portugal. Eram cerca das 11 horas, quando a formação, que tinha a dirigi-la o E. C. Mário Gonçalves, desfilou perante o Monumento e, colocando-se à sua frente, depôs na base uma artística placa de flores naturais com a insígnia associativa.

Por sua vez, os representantes da Fraternal com o seu estandarte, acercaram-se do monumento e o presidente da Direcção, sr. dr. Eugénio Henrique Ramos, depôs uma bonita palma de flores naturais ornada de fitas com legendas alusivas ao acto que se comemorava. Foi um acto simples, mas que foi seguido com grande solenidade.

Terminada a deposição das flores, os escoteiros abandonaram o local, desfilando em formatura.

No entanto, a Fraternal, prosseguindo com um hábito que já vai ganhando foros de tradição, deslocou-se até um restaurante do Caramão da Ajuda, onde os Antigos Escoteiros e pessoas das suas Famílias se reuniram num almoço de confraternização, onde em que se contavam algumas dezenas de pessoas.

Na mesa de honra, estava o sr. Rev. Eduardo Moreira e sua Esposa, o sr. Dr. Eugénio Ramos e sua Esposa, o sr. Prof. Aníbal Ramos e Eduardo Quintino Pinheiro.

No final do repasto, o sr. presidente da Direcção da Fraternal fez uso da palavra e, entre outras considerações, referiu-se ao termo do mandato que lhe fora confiado, agradecendo a colaboração que lhe tem sido dispensada.

Falou igualmente o sr. Rev. Moreira, que teceu interessantes alusões ao sentimento de fraternidade que deve unir a todos, independentemente do amor e do respeito que devem às suas pátrias.

Usaram da palavra ainda os srs. Xavier de Brito e Luís Simões Aurélio e, por último, o vice-presidente da Direcção, o sr. Eduardo Quintino Pinheiro, todos eles mantendo, com a propriedade das suas reflexões, o bom ambiente que desde o princípio se desfrutara.

O sr. John Westwood foi novamente alvo de uma manifestação especial de simpatia por passar nesse dia mais um aniversário natalício.

• • o • •

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

Casamento — Em 24 de Dezembro passado, na Igreja de N. S. de Aboriz, em Amoreira, Obidos, realizou-se o casamento da Sr.ª D. Diamantina Braz Roque com o nosso estimado amigo Sr. Luís Garcia Inácio, caminheiro do Grupo 94. O acto foi muito concorrido, tendo sido servido em casa dos pais da noiva, naquela localidade, um lanche a todos os convidados.

«Sempre Pronto» apresenta cumprimentos de felicitações aos noivos e deseja-lhes muitas venturas.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

O ano de 1962 corre célere a caminho da Primavera. Os campos estão verdes e em breve as papoilas, os malmequeres, as ervilhas bravas e tantas outras belas florinhas silvestres animarão as campinas e as serras, convidando-te à aventura do ar livre.

Aproveita ainda estes dias invernosos para desenvolver os teus conhecimentos, alargar a tua aptidão. É preciso que no teu braço brilhe a insígnia de 1.ª classe. Sem ela, continuas a ser um pata-tenra. Necessitas também de conquistar insígnias de capacidade para atestarem a tua competência de Sempre Pronto. *As mangas da tua camisa vazias de insígnias nunca poderão vestir um autêntico Escoteiro.*

Ano Novo, vida nova. Lança-te ao trabalho.

Um abraço do teu amigo certo

LOBO VELHO

Vamos construir um barómetro

A previsão do tempo é uma das artes do Escoteiro. Certamente que tens já algumas noções desta matéria, que faz parte das provas de classe e vêm narradas no manual «MAIS ALÉM.» Além da observação dos indícios naturais, vem ali indicada a maneira como se contrói um Higrómetro de cabelo.

Para base das tuas previsões precisas também de um Barómetro, que poderá ser construído por ti ou pela tua patrulha.

Material necessário

Álcool puro
Cânfora
Salitre
Sal amoníaco
1 vidro redondo de 5 mm. de interior x 150 mm. de comprimento.

Construção

Dissolve-se em separado cada uma destas substâncias no álcool puro e seguidamente misturam-se todas as soluções. Enche-se então o tubo do vidro, que deve ser vedado numa das extremidades, rolhando-se a outra extremidade fortemente, isolando-a com lacre ou cera, para que o ar não possa penetrar no tubo. Este não deve ficar completamente cheio.

O barómetro está pronto.

Como funciona

Lê-se o barómetro pela observação do respectivo líquido, de harmonia com o seguinte quadro

1. Líquido límpido — BOM TEMPO.
2. Líquido turvo — CHUVA.
3. Cristais no fundo — GEADAS.
4. Flocos flutuando — TEMPO VARIÁVEL.
5. Corpúsculos sólidos agitando-se no líquido — TEMPESTADE.
6. Filamentos na parte superior — VENTOS.

Para que fique completo o teu aparelho, preparas uma tábua e fazes nela uma concavidade longitudinal, igual ao comprimento do tubo, e por meio de dois arames finos colocas este naquele lugar.

Escreves na tábua o quadro do funcionamento do barómetro, conforme te indicámos acima, e penduras o aparelho na posição vertical no armário da patrulha ou na parede.

Lança mãos à obra e manda dizer-nos o resultado. Ficamos à espera de tuas notícias.

BATALHA DE QUIM

Aqui tens um jogo! Sim um engraçado jogo para animar as reuniões de inverno da tua patrulha.

Procedes assim: Divides a Patrulha em 3 ou 4 partes e cada um destes grupinhos deve ocupar um canto da sede. Teremos então formados os grupos A, B, C, e D. Os escoteiros que constituem estas pequenas equipas colocam então no chão do seu canto cerca de 40 objectos diferentes, mas devem dispô-los de tal modo que os outros escoteiros não os possam ver. Depois de distribuídos os objectos, o guia concede minuto e meio para que estes sejam observados da seguinte forma:

O Grupo A vê os objectos do B
O » B » » » » C
O » C » » » » D
O » D » » » » A

Passado o minuto e meio regressam todos aos seus primitivos lugares e, então, começa o jogo que é semelhante ao da Batalha Naval, que certamente tu conheces.

Os elementos do Grupo A, pedem um objecto aos do Grupo B, estes pedem aos do C e assim sucessivamente. Se acertarem os do grupo pedido retiram-no do seu canto. No final vence a equipa que primeiro conseguir eliminar os objectos ao grupo que se lhe segue.

Escusado será dizer que neste como em todos os jogos o cumprimento rigoroso das regras é a lei do jogo e o símbolo da lealdade escoteira.

Este jogo poderá ser disputado individualmente ou mesmo por Patrulhas. No primeiro caso diminui-se o número de objectos, no segundo aumenta-se.

Experimenta e diz-nos o resultado.

Os pássaros não foram feitos para as gaiolas

PARA que têm eles asas?

— Para voar, não para saltitar numa prisão. Voar é para eles a saúde e a alegria.

Nasceram para viver em liberdade; que crime terão cometido para serem feitos cativos?

Julgais que são felizes porque cantam? O seu canto é um apelo à liberdade, o protesto dum oprimido contra o egoísmo humano.

Impedir um pássaro de voar é fazer o mesmo que meter uma pessoa num quartinho tão pequeno que não lhe dê espaço para andar e a faça perder o uso das pernas.

UM IDEAL QUE RECOMPENSA!

Vida feliz, livre dos vícios!

PELO REV. JOSÉ BORGES DOS SANTOS
EMINENTE PENSADOR BRASILEIRO

Vícios são todas as coisas que escravizam a vontade. O fumo é um vício. Confirmam os próprios fumantes. Aquele desejo criado pelo hábito, domina completamente a vontade. Depois de uma chávena de café, o fumante não sossega enquanto não atende o *senhor* que exige dele a imediata satisfação do seu capricho. O fumo corrompe o ar que os viventes têm necessidade de respirar puro? Incomoda as pessoas de sensibilidade? O homem escravizado sabe que sim e continua fumando. Quando o desejo exigente vem, o escravo obedece. Não pode fazer outra coisa. Não é mais dono de si mesmo. Não estou atacando o fumo em particular, cito-o como um exemplo claro daquilo que entendo por vício: coisas que escravizam a vontade.

O jogo é um vício. Pode não ser a dinheiro, mas se chegou a ser um hábito que domina o homem já é mau. O perigo do jogo de cartas, mesmo que não seja a dinheiro, está precisamente nisto: pode-se tornar em hábito escravizador. A paixão do jogo é escravidão e das piores. Lembro-me de um homem em Campinas que, antes de se converter ao Cristianismo, jogava no bicho. Contou-me que, às vezes, ficava sem dinheiro. A esposa que costurava para ajudar a manter a casa pedia-lhe que fosse à cidade comprar algum aviamento para as costuras e, ao dar-lhe o dinheiro, recomendava: — «Não vás jogar o meu dinheiro». E ele, depois de responder que não precisava do dinheiro dela para jogar, assumia consigo mesmo o compromisso de abster-se do jogo naquele dia, porque não tinha dinheiro seu. Chegado, porém, à Rua Barão de Jaguara, parava diante do «chalé do bicho» só para ver os palpites. E não havia mais força que o tirasse dali: acabava jogando o dinheirinho que a esposa trabalhosamente ganhava na costura. Não era dono de si próprio.

A bebedice é um vício, o ópio, a morfina e muitos outros bastante conhecidos. Uns parecem piores, outros são até chamados vícios inocentes. É que existe o critério falso de julgar os vícios pelas consequências que produzem na saúde, na vida social e na economia. Mas, em todos os vícios, do mais degradante e sujo aos que parecem quase inocentes, há um elemento comum que é a coisa pior nos vícios: TODOS ESCRAVIZAM A VONTADE.

As próprias coisas lícitas podem transformar-se em vícios se dominam o homem, porque Deus, ao criar o homem, mandou-lhe que sujeitasse a terra e não que se deixasse dominar por ela. De modo que o homem escravizado pelas coisas lícitas está desviado da sua alta finalidade que é servir a Deus e não ao mundo material.

Já um filósofo pagão tinha mostrado a importância da liberdade da vontade quando escreveu: *Mihi res non me rebus subjungere conor.* E, de facto, só um esforço incessante mantém a vontade livre. É uma batalha contínua mas as compensações são grandes porque Deus pede o serviço livre de homens livres e não coloca o seu povo sob tutela de pretensos chefes que a si mesmos não se sabem governar.

O verdadeiro Chefe não é o tirano que impõe, à força, a sua vontade caprichosa aos outros homens. Pelo contrário. É o homem cuja direcção os outros aceitam porque ele primeiro que todos aprendeu a disciplinar-se, sabe submeter-se a cada princípio que reconheça como verdadeiro, e nada exige dos outros que também já não tenha exigido de si próprio. Nenhum impedimento moral existe para embaraçá-lo na execução do dever. Não tem vícios.

Diz um provérbio chinês: «O bicho da seda tece o seu casulo e fecha-se dentro: logo fica encarcerado. A aranha tece a sua teia e fica de fora; portanto é livre». Os factos demonstram que a conclusão desse provérbio está errada. A aranha tecendo a teia para prender os outros, fica depois dependendo daquela armadilha para viver. Apesar das aparências está escravizada à teia pela tirania do estômago. Não pode arredar-se dali.

Já o bicho da seda é diferente. Ele mesmo se encarcera para depois se fazer livre definitivamente. Passados alguns dias no cárcere voluntário, rompe o casulo e, transformado em borboleta, sai para cumprir livremente a finalidade mais importante da sua existência. É o símbolo da verdadeira liberdade, da liberdade heròicamente mantida e conquistada, e lembra a verdade que o sábio das Escrituras escreveu: «Bom é para o homem tomar o jugo na sua mocidade». Aquele que sabe prender-se a si mesmo no cárcere voluntário dos princípios rectos, na hora oportuna será verdadeiramente livre para o serviço de Jesus Cristo.

Há na vida muitas batalhas de que dependem a sorte e a felicidade do homem. Ninguém está habilitado a travá-las sem que primeiro tenha vencido a grande batalha decisiva do seu próprio coração contra as investidas furiosas do desejo que pretende assegurar o governo da vontade. Não importam os sofrimentos. Importa sim manter intacto o carácter e incólume a cidadela da liberdade.

Uma última sugestão eu me permitiria fazer aos jovens:

Conta Selma Lagerlof que Raniero de Ranieri, da cidade de Veneza, capitão de uma hoste que fora à conquista do Santo Sepulcro, era homem perverso e, por isso, odiado pelo povo. Depois da vitória que alcançaram em Jerusalém, Godofredo de Bouillon concedeu a Raniero a honra de ser o primeiro a acender um círio nas velas que ardiam junto ao túmulo conquistado. Horas mais tarde, na sua tenda de campanha, espicaçado pelo desafio de um estranho, Raniero tomou uma resolução ali mesmo qualificada de insensata: levar a Veneza a chama daquele círio. O que foi a sua atormentada viagem não cabe aqui descrevê-lo. Muito renunciou e sofreu. Muito teve de se humilhar. Mas, ao fim de longo tempo, chegou à sua cidade conservando acesa e viva a pequenina chama com que saíra de Jerusalém. E da luta que sustentou para não deixar apagar a luz saiu outro homem de carácter forte e bondoso coração. Quando Raniero se achava perto de Niceia, na Bitínia, encontrou-se com Roberto Taillefer, cavaleiro errante e trovador. Raniero vinha cavalgando com a vela na mão. Impondo silêncio aos companheiros que gritavam — um louco, um louco — Roberto perguntou:

— Tendes viajado muito tempo dessa forma?

— Venho assim desde Jerusalém.

— E apagou-se a vossa luz muitas vezes durante a jornada?

— Ainda brilha a chama com que acendi o círio em Jerusalém.

Então Roberto Taillefer disse-lhe:

— Eu sou também daqueles que carregam uma luz e desejaria que ela brilhasse sempre: Vós que tivestes valor bastante para conduzir viva uma chama por todos esses caminhos, não me podereis ensinar o que devo fazer para que a minha luz não se apague?

— Senhor — respondeu Raniero — é uma tarefa difícil. Essa pequena chama exige que se deixe de pensar em tudo mais. Por amor a esta luz não ousareis mais nem sequer sentar-vos para sonhar. Não

Pág. 6 ——→

ANTOLOGIA

AOS MOÇOS

Saber estudar, possuir a arte de aprender, habilitar-se a navegar seguro por essas águas e através desses escolhos, já é ser abastado nas posses, e ter aproveitado o tempo. Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar com discernimento a Deus, e governar com acerto a vida, sobejamente compensa as maiores canseiras do entendimento, desde as porfias da escola até às meditações do gabinete. Por distintos, porém, que vos logreis fazer entre todos, ainda que o mundo vos enrame a fronte de coroas, e o nome se vos grave entre os privilegiados da fama, não seja nenhum de vós confiado na sua suficiência, nem da sua glória se envaideça. Porque só há uma glória verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba, nem a fatuidade.

Depois, a ciência é grande, mas os cientes, na infinidade do seu número, são pequeninos, como pequeninos são, contemplados do espaço, os maiores acidentes da superfície terrestre.

.....

Habituai-vos a obedecer, para aprender a mandar. Costumai-vos a ouvir, para alcançar a entender. Afazei-vos a esperar, para lograr concluir. Não delireis nos vossos triunfos. Para não arrefecerdes, imaginai que podeis vir a saber tudo; para não presumirdes, reflecti que, por muito que souberdes, muito pouco tereis chegado a saber. Sede, sobretudo, tenazes, quando o objecto almejado se vos furtar na obscuridade avara do ignoto. Profundai a excavação, incansáveis como o mineiro no garimpo. De um momento para outro, no filão resistente se descobrirá, talvez, por entre a ganga, o metal precioso.

RUI BARBOSA

Notável escritor e pensador brasileiro

Vida feliz, livre dos vícios!

← Pág. 5

podereis mais ter em vosso pensamento coisa alguma que não seja essa luz nem possuir qualquer outra espécie de felicidade. Uma vez iniciada essa tarefa tão difícil, ela não vos deixará tranquilo um só instante. Não importa o número de perigos já vencidos. Jamais vos podereis sentir em segurança e precisareis estar sempre alerta e inquieto sobre o que poderá acontecer no momento seguinte.

Mas Roberto Taillefer levantou a cabeça com orgulho e respondeu:

— O que fizeste pela vossa chama sagrada eu farei pela minha!

Era isso o que desejava sugerir: Uma luz para conservar acesa a todo o transe, um ideal puro e radioso como uma chama crepitante para nele observar todo o coração e a ele dedicar-se inteiramente.

Condensado de uma palestra dedicada ao II Congresso da Mocidade Evangélica do Brasil.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Cumprimentos ao "Sempre Pronto"

Tiveram a gentileza de nos enviar o seu cartão de cumprimentos e formular votos para o Ano Novo os nossos dedicados Amigos:

Srs. António Amêndoa, Armando Jaime Soares, Pedro Maria da Cruz Lopes e Esposa, Luís Simões Aurélio, de Lisboa.

Srs. António Barbosa, António Pacheco da Silva, do Porto; Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento; H. T. Gomes de Freitas, de Porto Santo; D. Ana Soares Leitão, José Reinaldo, e Ernesto Leitão, de Lourenço Marques; Francisco do Nascimento Pina, de Olhão; António Viegas Custódio, de Carcavelos; José Luís Carreiro, de S. Miguel, Açores, João Lobo de Miranda Trigueiros, de Olhão; José Forasté, de Madrid; Manuel Teixeira de Sousa, de Angra do Heroísmo.

Grupo Juvenil «Acção Cristã», de Chelas; Srs. Vítor de Lima e Santos e Manuel Lopes Peixoto, comissários internacionais do Escotismo Português; Junta do Núcleo de Braga do Corpo Nacional de Escutas.

Grupos de Escoteiros de Portugal n.ºs 8, 10 e 94, de Lisboa; 93, de Sintra; 4 e 17, do Porto; 6, de Olhão.

O nosso Delegado nos Açores, Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, enviou-nos um telegrama de felicitações pela publicação do n.º 200, incluindo os seus votos para 1962.

A todos estes nossos bons amigos, agradecemos as suas palavras de simpatia e retribuímos os votos para 1962.

CALENDÁRIOS

A Administração do Amoníaco Português teve a amabilidade de nos oferecer um exemplar do interessante calendário que publicou este ano. Agradecemos.



A Associação Cristã da Mocidade do Porto voltou a ter o seu Grupo de Escoteiros

As relações do movimento da A.C.M. com o Escotismo vêm desde as primeiras horas da fundação, não só em Portugal como em quase todas as nações. A A.C.M. do Porto, que tem a sua sede na Rua José Falcão, teve durante muitos anos o seu grupo de escoteiros, tradição que foi interrompida em certa altura, em data que não podemos precisar. Contudo, o último boletim oficial da A.E.P. regista a filiação do Grupo n.º 17, anexo àquela instituição, que será chefiado pelo sr. Artur José Coelho Lopes.

O Grupo adopta para o lenço do uniforme a cor branca. A sede da A.C.M. e o seu meio associativo oferecem condições excelentes para a vida de um grupo de escoteiros, pelo que auguramos muitas prosperidades à unidade agora iniciada e endereçamos cumprimentos à Direcção daquela prestante Instituição e ao respectivo Chefe do Grupo.

No dia 8 de Dezembro, realizou-se na A. C. M. do Porto, uma festa na qual prestaram Compromisso de Honra os escoteiros Arlindo Gonçalves e a dirigente de Lobitos Isabel Maria de Almeida.

O acto decorreu num ambiente fraternal, tendo assistido, além de sócios da A. C.M., o antigo Comissário Sr. Amadeu Cândido Braga. Serviram de padrinhos do novo Escoteiro, o Presidente da A. C. M., Sr. Dr. Alfredo da Silva; e da Dirigente de Lobitos, a antiga Chefe de Lobitos, Sra. D. Idalina Cândido Braga.

Durante a festa, os escoteiros apresentaram os seus jogos típicos, como: «O João», o «Jogo dos Lenços» e ainda as suas agradáveis canções: «Elá» e «Quando acorda a cotovia», etc.

Além destes números, houve canções e poesias pelas crianças do Lar Evangélico, solos de piano e acordeão e ainda ilusionismo por dois consagrados artistas do Clube Fenianos Portuenses.

Na parte final da festa, realizou-se o acto solene do Compromisso de Honra dos novos escoteiros, que foram vibrantemente aplaudidos e cumprimentados.

No dia 3 de Dezembro, os escoteiros fizeram uma visita de estudo ao Museu Soares dos Reis. — C.

* * *

A propósito da fundação do Grupo n.º 17 no Porto, parece-nos oportuno perguntar pelo estandarte e material do antigo grupo 17, que teve a sua sede em Lisboa. Seria interessante que os Serviços Centrais nomeassem uma comissão que averiguasse o destino dos bens e arquivos de grupos que desapareceram como o antigo 8, 17, 81, 99 e outros de fora de Lisboa. Não é lamentável que se abandonem valores que são pertença dos Escoteiros de Portugal? Aqui deixamos esta sugestão, que, estamos certos, irá merecer todo o interesse aos órgãos dirigentes.

Grupo n.º 44 — GAIA

Este grupo realizou durante o mês de Dezembro passado diversas provas de sinalagem, orientação e topografia, nas quais têm participado as Patrulhas Egas Moniz, S. Jorge, Lobo e Pavão, sob a chefia de E. C. António Pinto Moreira, codjuvado pelos chefes de divisão.

Está em projecto um novo ciclo de actividades, pelo que foram convocados todos os membros do Grupo, realizando-se as reuniões da sede às segundas, quartas e sextas-feiras, das 20.30 às 23 horas.

OS ACONTECIMENTOS DA ÍNDIA PORTUGUESA

Uma mensagem de Enrique Genovés, de Madrid

Do Comissário Escoteiro Enrique Genovés, nosso delegado em Madrid, o Director do «Sempre Pronto» recebeu a seguinte expressiva e sentida mensagem:

Madrid, 19 de Dezembro de 1961

Meu querido irmão-escoteiro:

Com profunda emoção lemos na imprensa a inqualificável agressão a vossas províncias na Índia.

Em tão desigual e aleivosa luta, o nosso coração se une a vós e estamos seguros de que Portugal, seja qual for o resultado do conflito, manterá a sua bandeira à altura em que a situou a sua honra e a sua história.

Um forte abraço.

E. GENOVÉS
C. J. Z.

Agradecemos a Enrique Genovés e a todos os nossos bons amigos e irmãos-escoteiros de Madrid as suas palavras de simpatia para com Portugal.

Por ocasião da invasão do território nacional da Índia, estavam em Goa dois amigos de «Sempre Pronto». O Arquitecto Luís Benavente, antigo-escoteiro, em missão oficial, que se encontra já refugiado em Carachi, onde chegou a bordo de um cargueiro.

O Alferes Luís Florêncio Tovar de Lemos, em serviço militar, filho do nosso dedicado amigo Sr. Luís Grau Tovar de Lemos, escoteiro-chefe-geral adjunto, que ainda ali se encontra prisioneiro de guerra.

Regozijamo-nos por estes nossos amigos se encontrarem salvos e fazemos votos para que ambos possam regressar brevemente ao seio de suas famílias.

* * *

O nosso estimado Amigo e assinante Sr. Arquitecto Luís Benavente chegou a Lisboa em 13 do corrente, notícia que muito nos alegra.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Quarto encontro da Assembleia Geral da Fraternal Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias

Dissemos no último número que a nossa Fraternal estivera pela primeira vez representada numa reunião internacional, mas foi lapso. Já em 1955, a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal esteve representada também na II Assembleia Geral, que se efectuou em Horsens, Dinamarca, em 4 e 5 de Agosto de 1955, pelo nosso estimado amigo Sr. Albano da Silva, actual secretário da Direcção da Fraternal. Do lapso pedimos desculpa.

Sonho de uma menina pobre

Aquela menina pobre,
Que pediu uma boneca p'lo Natal,
E a quem o pai Natal
Não ofertou a boneca,
Está doente...
Coitadinha da menina
Que ficou sem a boneca!
A menina está doente,
Já não salta de contente!
Agora, fica sòzinha
Que a mãe vai trabalhar
Dia e noite, sem parar
Pois é muito pobrezinha!...
E a menina doente
Vai pensando na boneca
Que o pai Natal não lhe deu;
Era linda de verdade!!!
E por fim, adormeceu.
.....
Lindas bonecas sorriem
Outras estão fazendo óó,
A menina está contente
Pois agora, não está só.
Todas elas lhe pertencem
Mas não sabe quem lhas deu,
Brincam todas, todas riem,
Será presente do céu?
A menina vai dormindo
Num reino todo de luz
Quando acorda é já manhã
E a seu lado está Jesus.

10/1/62

Mariana Saragoça

E o Grupo 16 de Carcavelos?

A ridente vila de Carcavelos, na linha do Estoril, teve talvez há 15 anos atrás, o seu Grupo de Escoteiros — o 16 — que foi uma unidade florescente, de grande desenvolvimento, a que estiveram ligados elementos de muito prestígio naquela localidade. Ainda hoje ali residem alguns antigos membros do Grupo, mesmo dirigentes, que são bons amigos do Escotismo e que «Sempre Pronto» tem a honra de contar no número dos seus antigos e dedicados asssinantes.

Ao Grupo 16 de Carcavelos se ficou a dever a primeira exposição de Defesa Civil contra aviões que se realizou no nosso país, em volta da qual se promoveram importantes actividades, englobadas no que se chamou a «1.ª SEMANA PORTUGUESA Z», a que ficaram ligados os nomes do chefe do grupo, o saudoso Tenente Serafim Prazeres; e o presidente da sua Comissão de Patrocínio, Sr. Dr. Manuel Marques Mata. A Exposição efectuou-se na Casa do Alentejo, tendo-se realizado importantes conferências por individualidades de grande prestígio nacional. Esta actividade esteve incluída no Jubileu da A.E.P. e desenvolveu-se de 5 a 11 de Abril de 1937.

Pois bem, o Grupo 16 depois dos seus dias de glória declinou e feneceu. Não se pode dizer que acabou completamente. Existe ainda o seu material mal conservado, mas cuidado por alguém que ainda continua a esperar a reorganização da unidade. Há cerca de dois anos, falou-se novamente no Grupo. Havia uns três rapazes interessados, que chegaram a aparecer em actividades regionais. Mas até agora, nada de novo surgiu.

Mas não será de lastimar que Carvaveros, onde o Escotismo tem tão boas tradições, não tenha o seu Grupo de Escoteiros, quando é certo que existem pessoas interessadas e valores (equipamento e material) pertencentes à unidade?

«Sempre Pronto» pede aos seus leitores que estejam habilitados a dar sugestões ou alvitres para a reorganização do 16 para fazerem o favor de se lhe dirigir. O que pudermos saber acerca de tão importante assunto será depois encaminhado a quem possa contribuir para a solução do problema.

Ciência e Paciência

PROBLEMA N.º 1/62

BRANCOS OU PRETOS?

Para resolver este problema de raciocínio é necessário primeiramente admitir como certo um absurdo: Que os pretos *sempre* mentem e os brancos *sempre* dizem a verdade.

Remando num rio da nossa província de Angola, quando nos aproximávamos da margem, ao anoitecer, vimos perfeitamente três vultos de homens. Gritámos-lhes:

— Vocês são brancos ou pretos?

Um respondeu, mas o vento não deixou ouvir o que ele disse.

Outro grita:

— Ele está dizendo que é branco, e é mesmo, e eu também sou.

O terceiro homem grita:

— Ele é preto, mas eu sou branco.

De que cor é cada um dos três homens?

■

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7/61

O primeiro teve que pagar 4800 escudos e o segundo 6000. Os 150 carneiros correspondentes a 150:15=10 vacas. Tudo se passava como se houvesse 10+8=18 vacas. Seja para cada uma 10800:18=600 escudos.

Encontrou a solução certa para este problema o nosso estimado assinante Sr. António E. Amêndoa, que se não fora o lamentável extravio de dois números do «S. P» teria mais uma vez conquistado honroso prémio ao Concurso de 1961. Assim mesmo, conseguiu marcar 22 pontos em 5 problemas. As nossas felicitações.

IMPRENSA

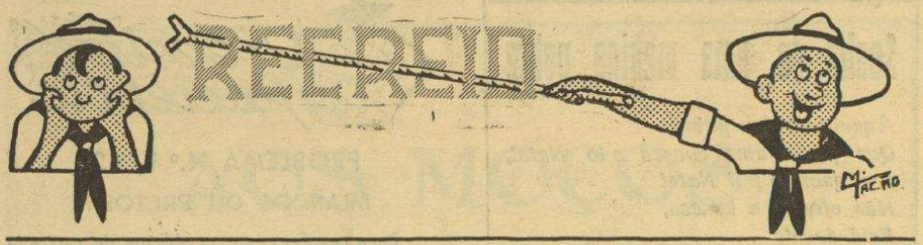
ECOS DE BELÉM

Em 1 de Janeiro corrente, completou 30 anos de publicação ininterrupta o semanário bairrista «Ecos de Belém», que entusiàsticamente se tem devotado aos interesses não só de Belém, mas de toda esta zona da cidade, onde o nosso jornal tem também a sua redacção.

No seu Director, Sr. Custódio Baptista Vieira, saudamos todos os que trabalham na sua redacção, desejando vida longa e próspera ao seu jornal.

Se um Guia não se interessa porque a sua Patrulha ganhe o concurso, há qualquer coisa que não está certa nele ou no seu Chefe: O espírito escotista de um deles precisa de tratamento médico.

ROLLAND PHILIPPS



POLICIAL N.º 7

PROBLEMA



O caso do cofre roubado

O Inspector Z foi chamado urgentemente para esclarecer o caso do roubo do cofre da fábrica de borracha Braz & Silva, que pesava 5 quilos e continha 2 mil contos em notas de mil, importância que se destinava a pagamentos.

Informado do acontecido, o Inspector resolveu interrogar as pessoas que poderiam ter conhecimento do caso. Naturalmente, o primeiro foi o guarda-livros da casa, Silvestre Rodrigues, homem de meia idade e já antigo no serviço da fábrica.

— Senhor Inspector — disse ele — quando saí eram 8.20 da noite. Estive a fazer serão, mas faltou a electricidade e fui-me embora. No entanto, verifiquei que o cofre se encontrava ainda no seu lugar.

António Braz, um dos sócios gerentes, declarou:

— Estive na fábrica até às 8.30 encerrado no meu gabinete fazendo umas experiências eléctricas.

— Ouviu algo de estranho durante esse tempo? — interrogou o Inspector.

— Aconteceu apenas que às 8.12 houve um princípio de incêndio numa caixa de fusíveis, devido à intensidade da corrente, mas apaguei-o prontamente com dois copos de água. Pouco depois faltou a corrente.

O Inspector mandou então chamar o guarda da fábrica.

— Notou alguma coisa de anormal enquanto esteve ontem de serviço? — perguntou.

— Apenas faltou a corrente eléctrica às 8.13, que só se restabeleceu às 8.25. Esteve tudo às escuras. Eram 8.20 quando ouvi sair o Sr. Silvestre Rodrigues.

O Inspector Z não precisou de interrogar mais ninguém e apontou para um dos suspeitos.

Quem foi?

Enigma

A minha primeira letra está em juventude e não em mocidade; a segunda, em Julho e não em Agosto; a terceira em Israel e não em Judá; a quarta em hino e não em salmo; a quinta em provérbio e não em anexim. O meu todo é o nome de um mês.

Dinastia...

Quando a filhinha de William Howard Taft III passou de ano, no Liceu, alguém lhe pediu que escrevesse um breve esboço autobiográfico. Ela então escreveu o seguinte: «Meu bisavô foi Presidente da República. Meu avô foi Senador por Ohio. Meu pai é Embaixador na Irlanda. Eu sou Guia».

E. H. I.

Aritmética curiosa

Escreva os algarismos pela sua ordem, omitindo o 8, ou seja: 1 2 3 4 5 6 7 9. Multiplique este número por 9, deixando o produto no papel. Multiplique o mesmo número 12345679 por 8, depois por 7, por 6 e assim por diante até chegar a 1. Multiplique agora cada um dos produtos obtidos por 9, e ficará surpreendido com o resultado.

Quebra cabeças

```
      A  R
1     A . . R
2   A . . . . R
3 A . . . . . . R
4   A . . . . R
5     A . . R
      A  R
```

1. Formar abas; 2. Agitar; Marcar; 4. Lavar; 5. Árvore.

PALAVRA QUADRADA

	1	2	3	4	5	
1						Nome de mulher
2						Desigual
3						Motejo
4						Que fazem os peixes
5						Perfume

É bom saber...

MARAVILHAS DA NATUREZA

Os mistérios da fecundação

É sabido que a flor se destina à produção da semente e à reprodução do vegetal. A conservação da espécie — eis o maior empenho e o escopo supremo da Natureza. Nela põe os maiores desvelos e garantias. Houve quem atribuísse às flores quase uma inteligência que animasse, guiasse a fecundação.

(...) Para conservar a vida contribuem os mil artifícios empregados pela flor a fim de pôr em contacto o pólen com os óvulos.

A *Valisnéria* é uma pequena planta que vive no fundo da água. Tem folhas simples e alongadas. Quando chega o momento nupcial, a flor feminina, que está presa a seu pedúnculo por um longo filamento, desenvolve a espiral formada por este, estende-o longamente para emergir à superfície em forma de urna. Em outra haste eleva-se também a flor masculina, que, cheia de ansiosas esperanças e anelos, se inclina para a sua noiva, que balouçando-se a espera e a convida. Mas a haste da flor masculina é curta e não chega à sua consorte. Que fazer? Num movimento de heroísmo e sacrifício, arranca-se do seu pedúnculo e vai beijar e unir-se intimamente à flor feminina. Realizado o himeneu, fenece e morre, enquanto a flor feminina, já fecundada, enrola a espiral do seu pedúnculo e de novo desce ao seio das águas, onde criará e amadurecerá o fruto do sacrifício. E o mais interessante é que, às vezes, o sacrifício não resulta em vantagem alguma, pois a flor masculina não encontra a feminina, porque esta ainda não emergiu da água. Nesse caso, os estames, desprendidos da flor, não se unem aos carpelos e não se realiza, portanto, a união do pólen com os óvulos, e morrem vagueando na superfície das águas, inúteis e infecundos.

PROF. ANTÓNIO DE OLIVEIRA MATOS

In «Poesia da Natureza. Vegetais Maravilhosos». Biblioteca Cosmos. Pág. 94.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

PALAVRA QUADRADA	DECAPITAÇÕES
PENA	FALAR
EROS	ALAR
NOME	LAR
ASER	AR
	R

ACRÓSTICO

```
      O
    Q U E
  R A T O S
O U T U B R O
  N A B O S
    E R A
      O
```

Metagrama

Zama, sama, gama, rama, lama, fama, dama.

Problema policial n.º 6

O Inspector prendeu o Manuel Pires porque mentiu. Disse que capturara uma truta, que é peixe de água doce.

A utilizar sòmente no Continente e Ilhas Adjacentes

RSF

Não carece de selo. O porte será pago pelo destinatário.

Bilhete Postal — Resposta

Autorizado pelos C. T. T.

Redacção do

«SEMPRE PRONTO»

TRAV. VITORINO DE FREITAS, 9

LISBOA 3

SEMPRE PRONTO é o mensário que há perto de 20 anos serve o Escotismo em Portugal com uma tenacidade e elevação que tem merecido louvores de todos aqueles que se devotam à causa do Escotismo.

Para que este facho permaneça bem aceso é indispensável a cooperação de todos os Escoteiros, Antigos Escoteiros e outros Amigos. E a melhor forma de colaborar é conseguir novos leitores.

Assinaturas:

Quota anual 18$00

» semestral 9$00

Uma campanha de «SEMPRE PRONTO»

MAIS UM ASSINANTE

Só mais um assinante! Eis uma campanha simples e de êxito garantido se o estimado amigo quiser. Só pedimos uma assinatura, mas essa assinatura é a sua.

— Já é assinante?

— Mande-nos a assinatura de seu afilhado, do seu amigo, do seu vizinho ou do seu colega. Mas não deixe de nos enviar uma só assinatura. Depende da sua cooperação o êxito desta Campanha.

NOME .....

MORADA .....

EM ..... ASSINATURA anual semestral

COBRANÇA EM .....

Assinatura

DATA :

.....